

50º aniversário do Serviço Médico à Periferia



7 Anos de Serviço Médico à Periferia

Cinquenta anos volvidos desde que foi criado o Serviço Médico à Periferia, a Associação de Médicos Pelo Direito à Saúde (AMPDS) não podia deixar de assinalar esta data.

O Serviço Médico à Periferia foi criado numa situação revolucionária que viveu a nossa democracia e levou saúde, prevenção e atenção às populações das aldeias mais recônditas de Portugal.

Grupos de jovens médicos, após 2 anos de internato, partiram dos grandes centros urbanos para dar assistência a quem nunca tinha visto um médico.

Exerceram a sua arte sem tutela e com total autonomia. Souberam organizar-se, dar vida aos centros de saúde já existentes, prestando não apenas consultas e tratamentos, mas também promovendo a educação em saúde, prevenção e a esperança.

Podemos afirmar que o SMP foi um dos pilares do Serviço Nacional de Saúde criado em 1979.

Divulgo aqui, quatro textos publicados no *medi.com*, durante o início do nosso mandato, na Secção Regional dos Sul da Ordem dos Médicos. Infelizmente poucos responderam a esta rubrica criada em junho de 2014.

Nestes testemunhos que abrangem o SMP, em Gouveia, Reguengos de Monsaraz, São Miguel (Açores) e Gavião (Alentejo), todos descrevem como um ano que marcou as suas vidas. Podemos dizer como Raquel Varela, no livro *Uma Revolução na Saúde- História do Serviço Médico à Periferia, 1974-1982*, “*Os direitos dos médicos nasciam com o direito à saúde para todos os portugueses*”.

Não sei se todos aqueles que fizeram o Serviço Médico à Periferia se tornaram uns excelentes médicos, julgo que sim. Mas, certamente exerceram ou exercem uma medicina mais humanizada e solidária.

Jaime Teixeira Mendes

Presidente da Associação de Médicos Pelo Direito à Saúde

AÇORES 1977

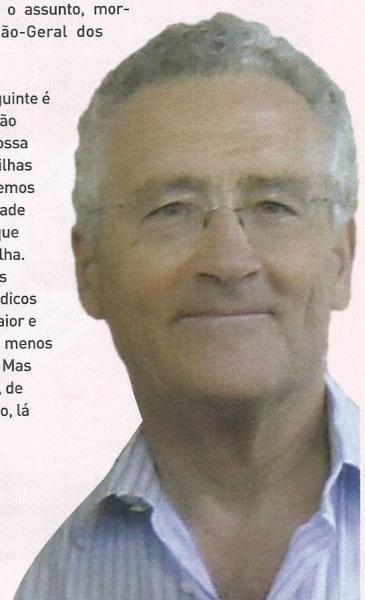
31 de Janeiro de 1977. Aterro nas Lajes, com todos os colegas que iam iniciar o Serviço Médico à Periferia (SMP) nos Açores. Iniciar o que, de facto, já fora iniciado umas semanas antes quando decidi retirar o meu nome do sorteio e escolher de livre vontade ir para o arquipélago; depois com a reunião de todos os sorteados e voluntários de Lisboa, Coimbra e Porto onde me insinuei para ser escolhido delegado do grupo, o que consegui, na expectativa de isso tornar mais fácil algumas viagens ao continente e depois de ter enviado ao Governo Regional uma carta informando da nossa ida e do plano que pretendíamos levar a cabo. Depois também de receber resposta a esta carta com a indicação de que deveríamos voar todos para a Terceira onde teríamos de ter umas reuniões com o Secretário Regional dos Assuntos Sociais, Dr. Rui Mesquita, para se acertarem algumas questões relacionadas com o nosso trabalho na Região.

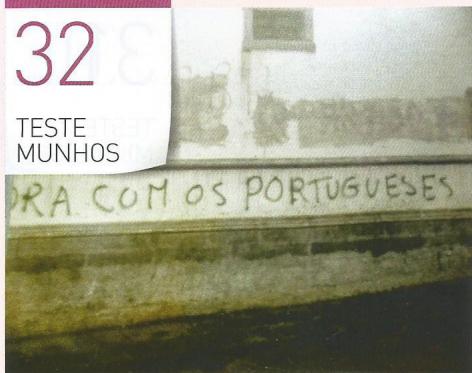
E nesse dia 31 de Janeiro aterrássemos, fomos transportados para o hotel e eu fui ter a primeira reunião com o Dr. Mesquita e também com o Director Regional de Saúde, onde tenho a grande surpresa de saber que, para o Governo Regional, a nossa ida para os Açores só é conhecida pela minha carta, pois nunca, até essa altura, tiveram qualquer informação sobre o assunto, mormente da Direcção-Geral dos Hospitais.

A surpresa seguinte é dizerem-me que não podem aceitar a nossa distribuição pelas ilhas tal como a propusemos porquanto a realidade insular nada tem que ver com essa escolha. De facto a ilha mais carenciada em médicos era S. Miguel, a maior e mais populosa, e a menos escolhida por nós. Mas durante a semana, de reunião em reunião, lá se conseguiu uma distribuição que satisfaz as necessidades do Governo e o nosso interesse.

*Serviço
Médico
à Periferia*

No Medi.com criámos uma rubrica especial para publicação de testemunhos sobre o Serviço Médico à Periferia. Convidamos os médicos que viveram essa fascinante experiência a enviar os seus textos, acompanhados de uma fotografia actual e outra alusiva a esses tempos do SMP. O texto não pode ultrapassar os 10 000 caracteres contados com espaços e deve ser enviado, por mail, para diamantino.cabanas@omsul.pt.





Foi assim que, sete dias depois de aterrarmos na Terceira, nos fomos arrumando pelas ilhas ficando eu na segunda localidade da ilha de S. Miguel, Ribeira Grande, com mais duas colegas do Porto. Fomos recebidos pelo presidente da Câmara que nos informou ainda não ter alojamento adequado, pelo que iríamos ficar instalados na casa de uma família local e que se apercebeu, nessa altura, de um escândalo: afinal não éramos um casal com uma filha, uma das colegas era baixinha, mas três solteiros que queriam ficar na mesma casa. Alguns dias depois instalaram-nos na casa da farmacêutica, sem outros moradores, e iniciou-se a saga do Médico e das suas senhoras. Bom dia senhor doutor, como está? E as suas senhoras estão bem?

Depois trabalhámos como sabíamos até 28 de Fevereiro de 1978 quando voltámos para o continente.

Podia terminar aqui dizendo que esta foi a minha experiência no SMP que, na altura, considerei ter sido o melhor ano da minha vida: chegar a uma terra desconhecida, confrontar-me com a desorganização em relação ao nosso trabalho, programar "contra a maré" uma prestação adequada aos doentes, confraternizar uns com os outros para conseguirmos uma espécie de integração especial, viver intensamente a solidariedade entre pares para resolvemos em conjunto as dificuldades clínicas que iam surgindo e estudar, estudar bastante, o já muito estudado. E depois voltar para o continente com a consciência de se ter sido útil e se ter feito bem o que se desejava que fosse bem feito. Ponto final.

Mas, de facto, não foi bem assim. Com uma área assistencial entre Fenais da Luz e Capelas, num extremo, e Fenais da Ajuda no outro tinha poucos quilómetros para percorrer mas necessitava de muito tempo para o fazer; utilizando as instalações dos Serviços Materno-Infantis, ora usávamos salas razoáveis ora outras bem mediocres; em Rabo de Peixe vi a rua central da freguesia separar duas comunidades sem vínculo entre si. De um lado os rurais com um local de trabalho satisfatório, do outro os pescadores com o que nem merece ser referido como local de trabalho. No entanto não se misturavam e cada grupo utilizava "religiosamente" apenas o espaço que lhe dizia respeito.

Foi aqui que se tornou mais evidente a dificuldade de comunicação com o "médico espanhol" que eu era, porque nem eles me percebiam nem eu os percebia a eles. Por mais bizarro que isso possa parecer trabalhei nesta freguesia, mais do que em

qualquer outra, com "tradutor" pois os doentes tinham de falar para a enfermeira que depois falava comigo e em seguida lhes transmitia as minhas perguntas ou orientações.

Também aqui ouvi, continua e repetidamente, a interjeição "pasalevá" quando examinava crianças pequenas sem que saiba, ainda hoje, o seu significado. Que julgo não ser simpático pois era acompanhada com um olhar de espanto e censura. Também foi aqui que encontrei mulheres perto dos 40 anos que nunca tinham menstruado. Nasciam e dormiam no único espaço da habitação e antes da menarquia engravidavam. A partir daí iam tendo filhos continuadamente sem nunca experimentarem a menstruação.

Nunca foi possível abordar a questão do incesto, que parecia óbvia, nem promover o Planeamento Familiar, um dos valores que julgávamos prioritários para a Região. Estávamos enganados porque a necessidade de "compensar as perdas pela emigração" implicava promover a capacidade produtora de filhos dos ilhéus. E Rabo de Peixe satisfazia o propósito, pois crianças era o que mais havia por lá. Apesar de morrerem aos montes.

Singular também foi a experiência de, na Maia, haver uma farmácia pequenissíma, junto do "posto", cujo proprietário nos recebeu mostrando a loja e pedindo para que prescrevéssemos os medicamentos que lá tinha... porque não os venderia sem o nosso concurso e porque era difícil ir buscar outros a outros lugares; ou ainda a atitude inquisitoria de uma velha senhora que, na Lomba da Maia, no primeiro dia de consulta, entrou no gabinete e antes de qualquer saudação se sentou iniciando a descrição do que achou conveniente tendo, subitamente, interrompido o seu discurso e, inclinando-se para a frente e poisando a mão calosa no meu antebraço esquerdo, me perguntou com um ar cúmplice: "o que é que o menino médico pensa disto?".

Em Fenais da Ajuda o que dominava era a influência de afamado curandeiro que deveria, naturalmente, ser consultado para se saber se validava ou não o que estes novos médicos prescreviam. Havia algum sentido nisto. Percebi-o a meio do SMP quando recebi o encargo de ajudar um estudante finalista de Harvard na missão de perceber o que eram as mézinhas dos bruxos da ilha que eram sistematicamente referenciados nas consultas dos emigrantes como os chás, as folhas, os "isto e aquilo" de alguém que deles cuidara antes de chegarem aos Estados Unidos.

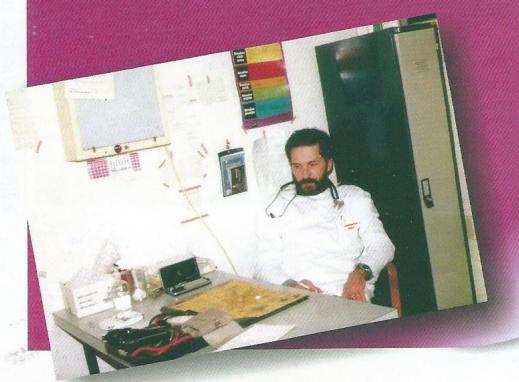
1977 foi um ano particular para os Açores. Salgueiro Maia encontrava-se por lá de castigo imposto pelos seus pares do MFA e a FLA (Frente de Libertação dos Açores) estaria activíssima (digo estaria porque nunca foi claro para mim se a FLA era muito mais do que o exibicionismo da vontade de alguns, como a activista enfermeira Pamplona com quem estabeleci uma afectuosíssima relação, que sonhava uma realidade que apenas existia na sua imaginação) sendo nós vistos como os novos colonizadores. Havia o seu café onde fomos desaconselhados a entrar, mas para lá disso nunca encontrei qualquer óbvio sinal da sua movimentação política ou da sua potencial representatividade.

Foi também o ano da chegada da televisão com os episódios da "Gabriela" a serem mostrados com uma semana de atraso e com a entrada na casa de todos os possuidores da caixa mágica de uma bonita rapariga que deu uma imagem feliz a esse instrumento de comunicação e alegrou os olhos de muito homem açórico (e não só, pois ainda se falou que um de nós terá tentado namoriscar essa jovem, talvez Maria José de seu nome; nunca o confirmei mas que era uma linda rapariga lá isso era).

Serviço Médico à Periferia

No Medi.com criámos uma rubrica especial para publicação de testemunhos sobre o Serviço Médico à Periferia. Convidamos os médicos que viveram essa fascinante experiência a enviar os seus textos, acompanhados de uma fotografia actual e outra alusiva a esses tempos do SMP. O texto não pode ultrapassar os 10 000 caracteres contados com espaços e deve ser enviado, por mail, para diamantino.cabanas@omsul.pt.

ILUSÕES E VONTADES EM GOUVEIA



A melhoria da assistência médica às populações só foi possível com o 25 de abril e o SNS, que foi muito combatido no início pelas forças conservadoras existentes e ainda não totalmente refeitas da aragem de frescura que o 25 de abril trouxe à população portuguesa.

Foi com o SNS que se começou a chegar às populações abandonadas no País, durante dezenas de anos e a dar-lhes alguma esperança, dando corpo a uma das premissas do 25 de abril.

Creio que a maioria de nós aceitou sem resistência moral ou outra esse desiderado e partiu para terras [umas mais interiores do que outras] com o desejo de fazermos aquilo para o qual julgávamos estar preparados e que amávamos com força. Nas nossas cabeças havia a convicção que tudo funcionaria, teria mesmo de funcionar numa simbiose perfeita, isto é, ajudaríamos as populações com o nosso saber, receberíamos por essa ajuda uma enorme gratificação interior (e nada pode pagar isso), mas também iríamos aprender com aquelas pessoas na sua luta diária por melhores condições de vida, na sua maioria más, as suas angústias, a sua determinação. Seriam experiências vivificantes e que nos acompanhariam no percurso profissional que tínhamos encetado. Conheceríamos, enfim, o Portugal profundo, feito de sacrifícios e muita coragem e podíamos ver algum brilho em olhos baços de descrença, de pobreza, marcados pelo sofrimento e a emigração.

Caímos em Gouveia para o Serviço Médico à Periferia no longínquo janeiro de 1981, como um paraquedista que apenas leva consigo o essencial para a sua atividade, desconhecendo quase por completo o campo em que tinha que atuar.

Éramos um grupo de 11 jovens cheios de ilusões e vontades, sendo quatro originais da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e os restantes de Coimbra.

E com o tempo fomos conhecendo e apoianto. Cada um de nós trazia deficiências que íamos colmatando com o estudo, as conversas e apoios dos colegas ou dos contactos que mantínhamos com colegas do hospital de origem. A pouco e pouco, e de forma natural, começámos por, em muitos casos, enveredar pelas patologias de que gostávamos mais e estávamos mais preparados, num verdadeiro esforço de equipa.

Diarilmente éramos confrontados com dificuldades, dúvidas e algumas incertezas, em que o caderno de eletrocardiograma, o mini-simpósio e um pequeno Abrégé que transportávamos colado ao corpo, eram ajudantes preciosos. Mas foi nestas dificuldades, nos partos que tivemos de realizar, nas fraturas que tratámos ou encaminhámos, nas apendicites que diagnosticámos, nos enfartes do miocárdio, nas lesões do aparelho genital e urinário, no ensino às populações, na medicina preventiva (controlo de tensões arteriais, diabetes, vigilância das crianças e grávidas), que fomos crescendo para a vida de médico. Aprendemos a fazer os eletrocardiogramas, a introduzir algélias, dar injeções e muitos outros atos médicos, que nos foram úteis para a vida e deram o conforto que necessitávamos sentir para saber que tínhamos agido consciente e corretamente.

Mas foi também a camaradagem destes 12 meses, pela correção de atitudes, respeito mútuo, construídos em condições difíceis que encheram egos. Não foi por acaso, que depois desta fascinante experiência, mantivemos contactos posteriormente com alguns e nestes encontros ou convívios, eram memórias que nos abraçavam com uma grande quentura. Fomos trilhando caminhos diferentes no trajeto profissional (sete ficaram na clínica geral e destes, quatro permaneceram no local; os restantes seguiram anestesiologia, pneumologia, ortopedia e obstetrícia/ginecologia).

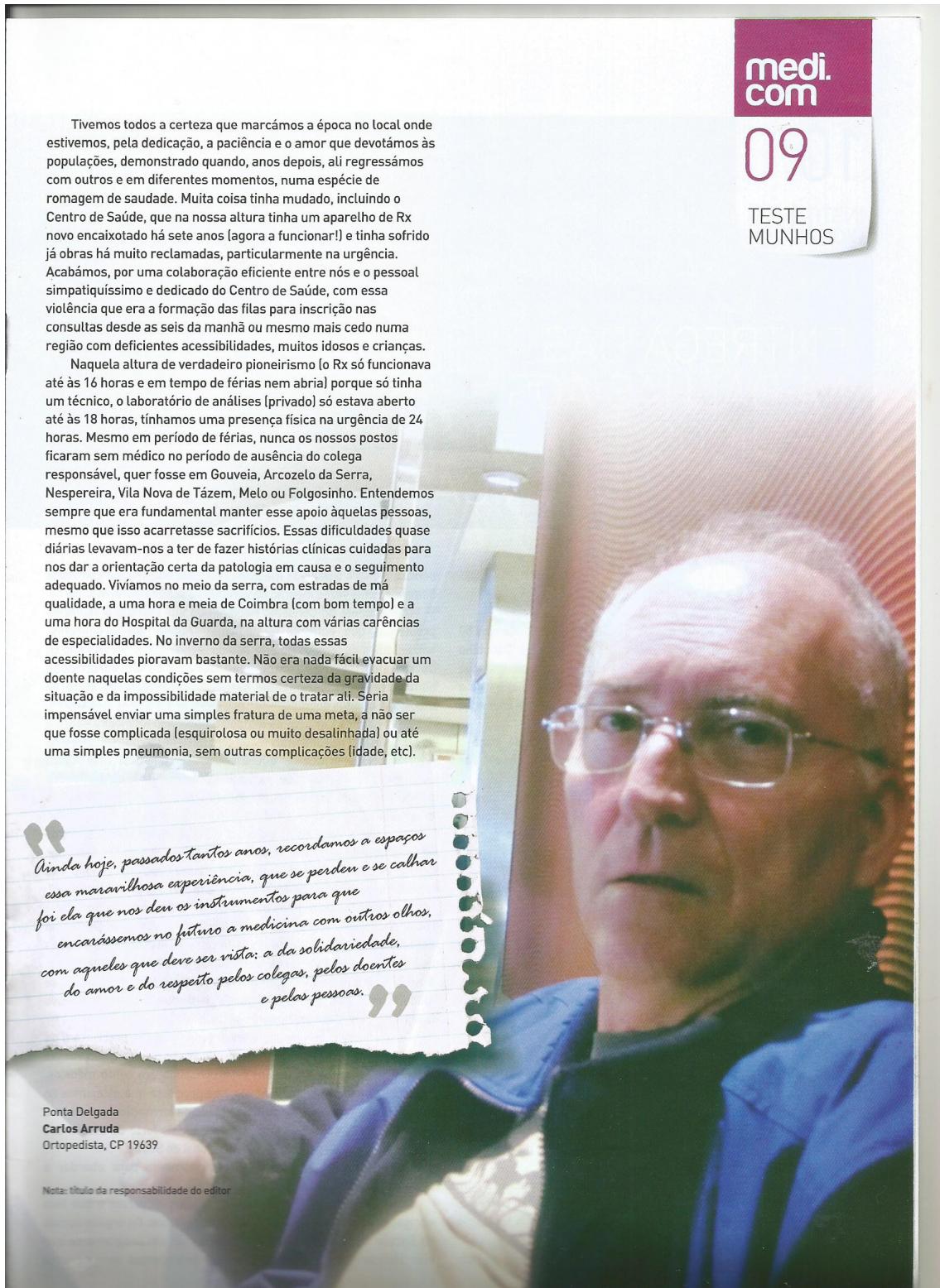
Tivemos todos a certeza que marcámos a época no local onde estivemos, pela dedicação, a paciência e o amor que devotámos às populações, demonstrado quando, anos depois, ali regressámos com outros e em diferentes momentos, numa espécie de romagem de saudade. Muita coisa tinha mudado, incluindo o Centro de Saúde, que na nossa altura tinha um aparelho de Rx novo encaixotado há sete anos [agora a funcionar!] e tinha sofrido já obras há muito reclamadas, particularmente na urgência. Acabámos, por uma colaboração eficiente entre nós e o pessoal simpaticíssimo e dedicado do Centro de Saúde, com essa violência que era a formação das filas para inscrição nas consultas desde as seis da manhã ou mesmo mais cedo numa região com deficientes acessibilidades, muitos idosos e crianças.

Naquela altura de verdadeiro pioneirismo [o Rx só funcionava até às 16 horas e em tempo de férias nem abria] porque só tinha um técnico, o laboratório de análises [privado] só estava aberto até às 18 horas, tínhamos uma presença física na urgência de 24 horas. Mesmo em período de férias, nunca os nossos postos ficaram sem médico no período de ausência do colega responsável, quer fosse em Gouveia, Arcoselo da Serra, Nespereira, Vila Nova de Tázhem, Melo ou Folgosinho. Entendemos sempre que era fundamental manter esse apoio àquelas pessoas, mesmo que isso acarretasse sacrifícios. Essas dificuldades quase diárias levavam-nos a ter de fazer histórias clínicas cuidadas para nos dar a orientação certa da patologia em causa e o seguimento adequado. Vivíamos no meio da serra, com estradas de má qualidade, a uma hora e meia de Coimbra (com bom tempo) e a uma hora do Hospital da Guarda, na altura com várias carências de especialidades. No inverno da serra, todas essas acessibilidades pioravam bastante. Não era nada fácil evacuar um doente naquelas condições sem termos certeza da gravidade da situação e da impossibilidade material de o tratar ali. Seria impensável enviar uma simples fratura de uma metade, a não ser que fosse complicada (esquirolosa ou muito desalinizada) ou até uma simples pneumonia, sem outras complicações (idade, etc.).

Ainda hoje, passados tantos anos, recordamos a espasos essa maravilhosa experiência, que se perdem e se calham foi ela que nos deu os instrumentos para que encarássemos no futuro a medicina com outros olhos, com aqueles que deve ser vista: a da solidariedade, do amor e do respeito pelos colegas, pelos doentes e pelas pessoas.

Ponta Delgada
Carlos Arruda
Ortopedista, CP 19639

Nota: título da responsabilidade do editor



MEMÓRIAS DE UM ANO FELIZ!

Naquela manhã de Inverno era indisfarçável a plethora de sentimentos que percorria aquele barulhento Anfiteatro do Hospital de Santa Maria!

ia iniciar-se o processo de sorteio dos grupos de Internos do Policlínico que iriam iniciar o primeiro Serviço Médico à Periferia, promulgado por Costa Gomes (Dec-Lei 580/76), e as respectivas povoações, onde, durante um ano, exerceiram Medicina.

Calhou-me a vila de Gavião, por onde nunca tinha passado, integrado num grupo de Colegas que conhecia, mas a quem não me ligavam laços pessoais - Maria Teresa Gonçalves (HUC), Júlio Justino, Jorge Grosso e António Carlos Esteves. Tratava-se de um Concelho do Distrito de Portalegre, atravessado pelo rio Tejo, tendo como horizonte na margem direita o magnífico Castelo de Belver e uma população estimada em 2420 habitantes (Censo 1970) dividida por cinco Freguesias.

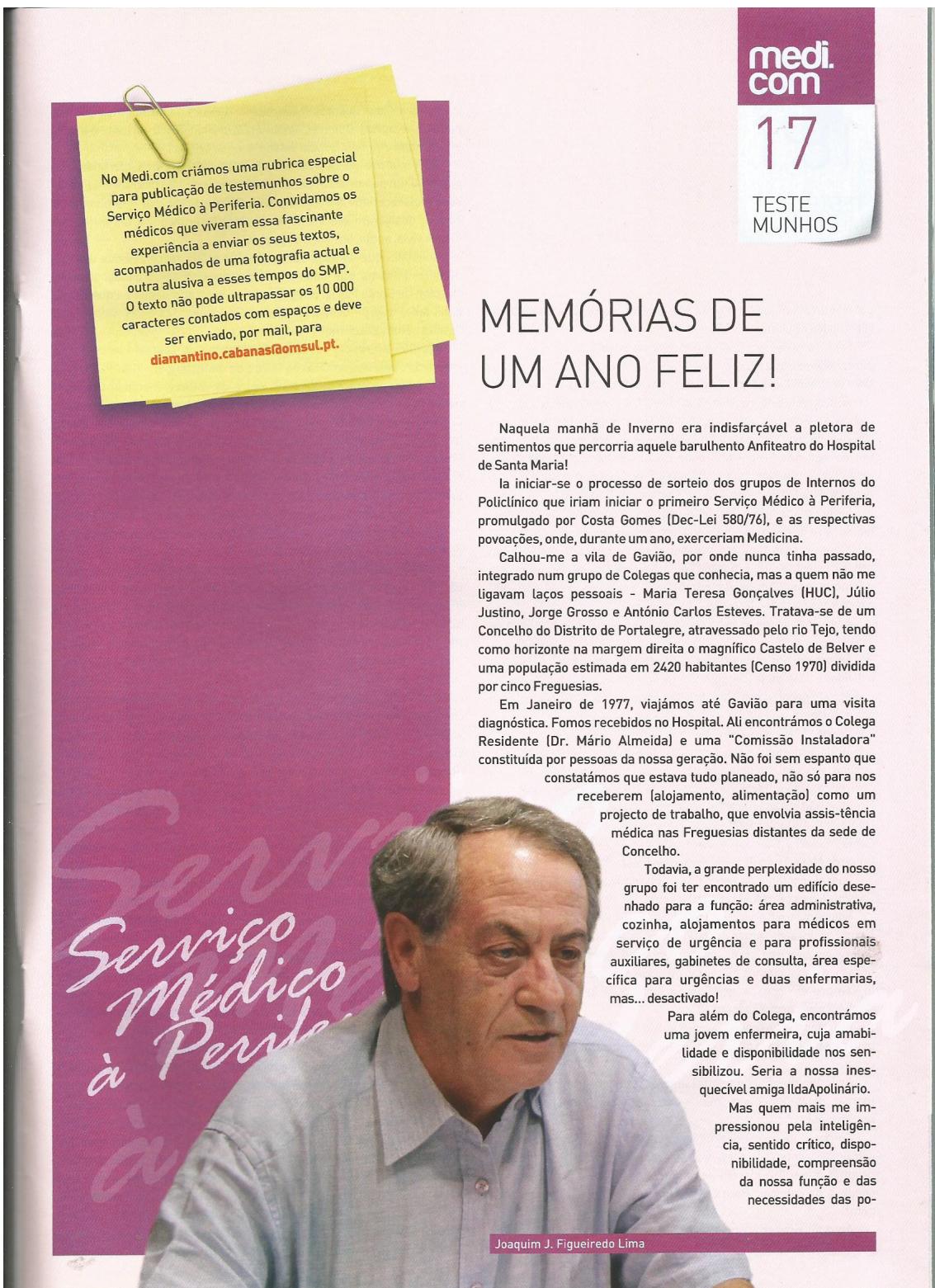
Em Janeiro de 1977, viajámos até Gavião para uma visita diagnóstica. Fomos recebidos no Hospital. Ali encontrámos o Colega Residente (Dr. Mário Almeida) e uma "Comissão Instaladora" constituída por pessoas da nossa geração. Não foi sem espanto que constatámos que estava tudo planeado, não só para nos receberem (alojamento, alimentação) como um projecto de trabalho, que envolvia assis-tência médica nas Freguesias distantes da sede de Concelho.

Todavia, a grande perplexidade do nosso grupo foi ter encontrado um edifício desenhado para a função: área administrativa, cozinha, alojamentos para médicos em serviço de urgência e para profissionais auxiliares, gabinetes de consulta, área específica para urgências e duas enfermarias, mas... desactivado!

Para além do Colega, encontrámos uma jovem enfermeira, cuja amabilidade e disponibilidade nos sensibilizou. Seria a nossa inesquecível amiga Ilda Apolinário.

Mas quem mais me impressionou pela inteligência, sentido crítico, disponibilidade, compreensão da nossa função e das necessidades das po-

Joaquim J. Figueiredo Lima



pulações, foi um jovem membro da pseudo-Comissão Instaladora: Hipólito Reis Soldado.

Não recordo, no final da minha carreira profissional, uma personalidade que se lhe assemelhe! O "Sr. Hipólito" era aquele tipo de indivíduo para quem não havia problemas irresolúveis. Durante aquele ano, resolveu todas as situações e necessidades de toda a espécie que nos surgiam, desde o alojamento à reestruturação do funcionamento hospitalar até à apresentação de cada um de nós nas Freguesias onde desempenhámos funções e ao apoio às iniciativas que assumimos (Rastreio de Hipertensão Arterial e Diabetes, Associação de Dadores de Sangue).

Entendemos que o desafio proposto ultrapassava, largamente, aquilo que prevíamos. Não nos era solicitado apenas a prática assistencial, mas também e especialmente uma intervenção em áreas de gestão e de organização, que a nenhum de nós tinha sido ensinada nos bancos da Faculdade, nem nos anos em que exercemos Medicina tutelada.

A fervilhar de ideias lá nos encontrámos no dia 1 de fevereiro de 1977!

Traçámos em conjunto a prioridade dos objetivos: reactivar a actividade hospitalar (consultas, internamentos, pedagogia populacional, vacinações, etc.) e cobrir as Freguesias do Concelho com assistência clínica regular.

Desde 1975, cada um de nós estava vocacionado e tinha adquirido experiência em determinadas áreas da Medicina: Júlio Justino em Diabetologia, Jorge Grosso em Neurologia, António Carlos em Saúde Materna (excelente a Consulta de Planeamento Familiar que então criou), Teresa Gonçalves mais Pediatria e eu em Hemodiálise (Clínica Filipe Vaz), em Medicina Interna (Nogueira da Costa, Oliveira Soares) e Cardiologia (UTIC- Arsénio Cordeiro, Eduardo Mota, Trigo Pereira, Fernando Pais).

Passei, portanto, a fazer Consultas de Medicina Interna e de Cardiologia nas Freguesias e no Hospital.

Equipámos o Serviço de Urgência, começando por eliminar os fármacos fora de prazo, promovemos a aquisição de linhas de sutura, anestésicos locais, etc., organizámos-nos em escadas de 24 horas e estabelecemos as regras de acesso a este Serviço. Fizemo-lo sempre em consonância com a hierarquia de Portalegre (Dr. Canhão) e a "Comissão Instaladora".

Em Março consegui a aquisição de um Electrocardiógrafo e, pela mesma altura, o grupo conseguiu um equipamento de Radioscopia.

Ao longo de um ano adquiri uma experiência ímpar que viria a marcar decisivamente a minha formação pessoal e a carreira profissional.

Compreendi a responsabilidade social do "Médico" no seio da comunidade: num dos primeiros dias, ao entrar no Café, as pessoas de uma mesa levantaram-se e cumprimentaram-me tirando os chapéus da cabeça: "Bom Dia Senhor Doutor"! Entendi a mensagem!

Aprendi a saber ouvir e partilhar as mágoas e as angústias das populações isoladas numa vivência primária do outro lado do Tejo, a

trazê-las à Vila e, quantas vezes, a levar-lhes os medicamentos que não podiam comprar! Conheci, finalmente, o significado de um vocábulo então muito em voga: Solidariedade!

Apercebi-me de quanto era ofensivo recusar uma oferenda, um queijo ou um pão caseiro "para o jantar dos senhores doutores!". Passaram a oferecer-me flores para o Hospital. No dia em que abandonei Gavião, desejaram oferecer-me um cabrito branco... a mim, que em Lisboa vivia, então, em quarto alugado!

Constatei que estas pessoas-doenças eram diferentes dos doentes número-de-cama que tinham sido os meus modelos pedagógicos no Hospital de Santa Maria. Reparei que, ao contrário daquilo a que estava habituado, estes "doentes" sorriam, falavam das suas vidas e da família... Humanizei-me!

Aprendi a praticar Medicina não apenas no contexto assistencial, mas, sobretudo nos âmbitos da Ética e da Deontologia!

Recorde quatro experiências entre as muitas, inéditas, ocorridas neste ano: poucas semanas após a nossa chegada aparece-me na Consulta um casal de meia-idade. A senhora, emagrecida e pálida, queixava-se de astenia, dores abdominais e aumento do volume abdominal. Ao palpar o abdómen apercebi-me de uma enorme massa epigástrica. Decidi enviá-la para o Hospital de Portalegre, com quem tínhamos acordado abertura de canais. Tratava-se de uma neoplasia gástrica metastizada. Morreu duas semanas depois. O marido foi-me relatar o facto e disse-me: "Veja lá sr. Doutor que me tinham dito que ela estava grávida!"

Por volta de Março, veio à Consulta no Hospital um casal jovem. Ela, pálida e com rosáceas no rosto, queixava-se de dispneia para pequenos esforços, que tinha de dormir sentada, ansiedade e palpitações. Pela auscultação cardíaca apercebi-me de um tom para o qual Fernando Pais me alertou várias vezes: o click da válvula mitral. Decidi enviá-la para a Consulta de Cirurgia Cardíaca do Hospital de Santa Marta. Passaram-se meses!

Certo dia, entrou pela Consulta um sorridente casal. Vagamente deles me recordava... mas, pela ficha de Consulta, rapidamente os identifiquei. Sorridente, ela esclareceu-me que tinha sido submetida a cirurgia de estenose mitral no Hospital de Santa Marta. Estava bem. Era um casal feliz!

Em 1978, estando eu na Clínica de Hemodiálise, fui informado de que tinha um casal que me desejava falar. Lá fui. Com espanto... era este casal, que aproveitando o facto de ter vindo a Lisboa, me quis dar um abraço e... oferecer-me um bouquet de flores! Jamais esquecerei aquele enorme abraço!

Como não esquecerei aquela cirurgia que praticámos no Hospital do Gavião para um grande esfacelo do membro inferior sob anestesia local, antes de enviar para o Hospital de Portalegre o homem vítima de um acidente de viação.

Vagamente, sabímos existir a toxicidade pelos anestésicos locais... o problema era saber qual a dose que a desencadeava. Ignorar qual o volume de Lidocaína (Novocaina?) que utilizámos. Tudo decorreu sem complicações. Mas, este foi um episódio recorrentemente citado nas minhas aulas sobre estes anestésicos locais. Como alerta!

Uma noite, estando de Urgência no Hospital, entrou um homem alcoolizado com uma ferida no couro cabeludo. Com grande largueza de gestos e farta verborreia ameaçava "partir aquilo tudo". Uma das auxiliares, prudentemente, telefonou para a GNR... Inopinadamente, e antes que a criatura promovesse qualquer estrago, surgiu a Sra. Ana (uma frágil e idosa senhora com problemas mentais que, por caridade, lá vivia). Olhou para a cena, encarou aquela bisarma, deu-lhe uma reprimenda e perante a nossa estupefacção, atirou a mão direita para entre as pernas do homem! Apenas ouvimos um "Ahhh", o indivíduo empalideceu e caiu no catre. Entre a perplexidade e a galhofa, aproveitámos para suturar a pequena ferida do couro cabeludo e a perder a noite vigiando o recobro de uma bebedeira!



19

**TESTE
MUNHOS**



SEPARATA DO JORNAL DO MÉDICO
 C (1836): 17-21, Abril, 1979

*Rastreio de hipertensão arterial numa
comunidade rural alentejana (Gavião)*

L. FIGUEIREDO LIMA, JOSÉ JUSTINO, MARIA TEREZA GONÇALVES
 ANTONIO CARLOS ESTEVEZ + JORGE GROSSO
 Relatório do Serviço Médico à Periferia (SMAP) no concelho de
 Portalegre — Portugal

INTRODUÇÃO
 A hipertensão arterial constitui um grave problema de saúde pública, quer sob o aspecto epidemiológico, quer clínico, pela sua prevalência e como condicionante de outras doenças, particularmente as cardíacas e cerebrais.

— Gavião — concelho numa comunidade rural alentejana (11.600/10.000 habitantes), aliada ao fator de risco, diariamente, motivou-nos em considerar grande número de hipertensos, motivando-nos no sentido de planificar um rastreio de hipertensão e diabetes, orientado para consulta especializada.

MATERIAL E MÉTODOS
 Foi observada a população das quatro povoações da freguesia de Gavião e a população de Atalaia, de 17 freguesias, com base a um tipo de população rural, englobando as suas actividades profissionais, para a agricultura.

1

A história correu na vila e, para gáudio nosso, cada vez que entrava um alcoolizado, a primeira medida era ameaçar com a Sra. Ana!

Em Maio-Junho promovemos um Rastreio de Hipertensão Arterial e de Diabetes em cinco Freguesias do Gavião com o apoio logístico do Centro de Cultura Popular do Gavião.

A elevada incidência destas patologias promoveu a abertura de Consultas específicas: Hipertensão Arterial (eu) e Diabetes (Júlio Justino).

Este trabalho foi publicado em 1979 (Rastreio de Hipertensão Arterial numa Comunidade Rural Alentejana (Gavião) - Jornal do Médico, c (1836): 17-21, 1979).

Procurámos em reunião com a população e com o apoio do Centro de Cultura Popular dinamizar a criação de uma Associação de Dadores de Sangue. Por razões a que fomos alheios, resultantes do período conturbado que então se vivia, tal não foi possível. Talvez tivesse sido eu o responsável pelo insucesso! No meio do meu discurso sobre a necessidade da doação de sangue, desboquei-me e pronunciei esta frase: "O sangue não pode continuar a ser um "negócio da China"! Imediatamente, do meio das dezenas de pessoas, levanta-se um homem, que vociferando me afrontou, afirmando que o MRPP não era para ali chamado e etc., etc. De nada valeram as minhas tentativas de esclarecimento. Perdi o entusiasmo... e tive que abandonar a Mesa... para gargalhar!

Certo dia, contudo, o sr. Hipólito alertou-nos com uma notícia: teria ouvido dizer que alguém se preparava para assaltar a casa habitada pelos quatro! Com a frieza de raciocínio a que nos tinha habituado, o Jorge Grosso, cuja família vivia em Abrantes, comentou: "Não há problema. Eu já trato disso!". E saiu. Horas depois, regressava com uma cadeira! Alarmado, eu que nunca disprei um tiro, perguntei: "Mas para que diabo serve isto?" Resposta: "Para intimidar!"... Efectivamente, não poderia servir para nada mais do que isso... uma vez que não havia munições!

Levantando-se da mesa o Júlio Justino comentou: "Quem resolve isto sou eu! Na segunda-feira quando regressar de Lisboa, verão!". Na realidade, regressou trazendo um embrulho comprido e fino. Depois do almoço fomos para casa ver a nova arma. Ainda hoje estou para perceber porque não morri de tanto rir, quando o Júlio retirou do embrulho uma... espargarda para caça submarina! Ele, que depois nos disse, nunca tinha sequer mergulhado e vagamente imaginava como aquilo funcionava!

Nem sequer utilidade se lhe deu quando, após o dia de trabalho, fámos até ao Almal, lindíssimo nas margens do Tejo. Ali, onde mais tarde, eu e minha mulher adoptaríamo-nos uma pequena raposa, a quem seduzímos com alguma comida.

Naturalmente, nunca se concretizou o boato!

Neste ano tive tempo para aprender a jogar badminton e a iniciar-me na prática do judo, nas noites em que não partilhávamos os serões em casa da família da Teresa Gonçalves.

Aprendemos a saborear o sarapatel, os míscares, a lampreia recolhida na Barragem, os peixes do Marcelino e as sopas de peixe em Belver, por vezes aos fins-de-semana, com especialistas que, graciosamente, vinham de Lisboa ajudar-nos a consultar alguns doentes que seleccionávamos (Moradas Ferreira e outros).

Em outubro de 1977, a minha companheira contaminou-se na Unidade de Hemodiálise por picada em doente com Hepatite B. Face à debilitação da sua saúde, passou a partilhar a nossa casa colectiva e as nossas refeições no Hospital (Sra. Lúcia). Foi aceite por todos, incluindo os responsáveis hospitalares, como membro do grupo. Não encontro, mesmo a esta distância temporal, o vocabulário suficientemente abrangente para exprimir o agradecimento pela amizade e pela solidariedade que nos transmitiram.

A lágrima que esborrhou as letras deste parágrafo trouxe-me à memória o dia em que, abandonando o Gavião ao fim de um ano de

trabalho, eu e minha mulher tínhamos dezenas de pessoas na rua do Hospital acenando lenços... ambos chorámos até Ponte de Sor!

Em suma: entrámos como um grupo de Médicos sem relações pessoais e saímos como um grupo de Amigos para a Vida. Jorge Grosso casou com a nossa querida Amiga Ilda Apolinário e o nosso estimado Amigo Júlio Justino seria meu padrinho de casamento.

Saímos com o sentimento de termos sido úteis para as populações daquele Concelho e de percebermos o que era ser Médico.

Deixámos um Hospital a funcionar: o Serviço de Urgência em permanência física nas 24 horas e o equipamento básico, as Consultas no Hospital e nas Freguesias, o Internamento em duas Enfermarias, a promoção da Saúde e mudança de hábitos de saúde e de higiene.

Sobretudo, deixámos uma mensagem: todos os cidadãos têm direito a cuidados de saúde de qualidade e gratuitos!

Os objetivos delineados no Inverno de 1977 foram, amplamente, atingidos e reforçados!

Após quase quatro décadas de uma Carreira Médica baseada na competência e na qual assumi responsabilidades pedagógicas e de gestão de Serviço Hospitalar, não creio ter usufruído de um ano como aquele em que fiz o meu (nossa) Serviço Médico à Periferia!

Relendo José Saramago nas Pequenas Memórias, ao referir a sua entrada na 2ª classe: E foi aqui, agora que o penso, que a história da minha vida começou!

Foi um Ano Feliz!

O Serviço Médico à Periferia, que promoveu os indicadores de qualidade na Saúde a um nível muito digno no contexto europeu, foi extinto pelo Dec-Lei 139/83, promulgado por Ramalho Eanes.

Creio que aquele Hospital é, atualmente, um Lar para Idosos e que as pessoas doentes do Concelho de Gavião, especialmente em situações de Urgência/Emergência, são orientadas para os Hospitais de Portalegre e de Abrantes.

medi.com

14

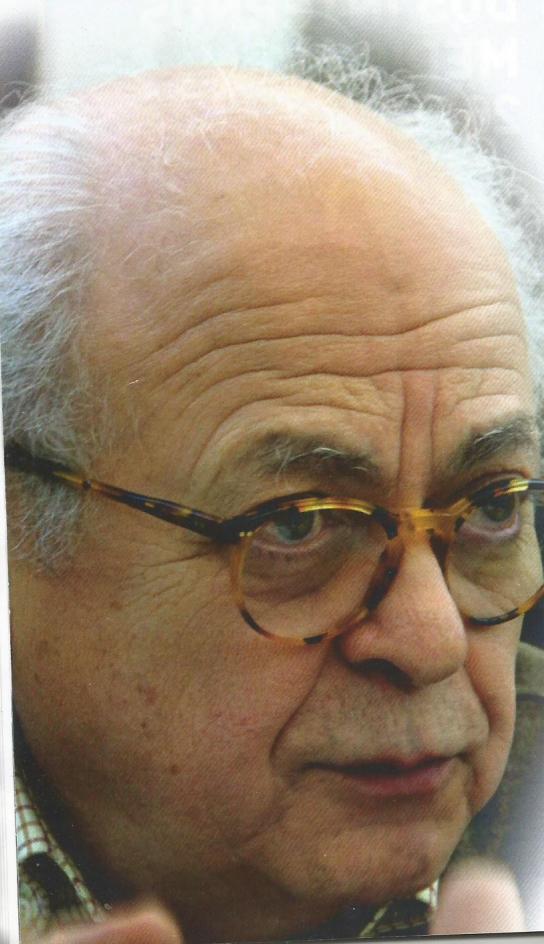
TESTE MUNHOS

Serviço Médico à Periferia

CRÓNICA 1

CHALLENGER AO TÍTULO DE MÉDICO À SÉRIA - 1977

No Medi.com criámos uma rubrica especial para publicação de testemunhos sobre o Serviço Médico à Periferia (SMP). Convidamos os médicos que viveram essa fascinante experiência a enviar os seus textos, acompanhados de uma fotografia actual e outra alusiva a esse período do SMP. O texto não pode ultrapassar os 10 000 caracteres contados com espaços e deve ser enviado, por mail, para diamantino.cabanasi@omzaul.pt.



"COMO SÃO ABRASADORES OS VERÕES NA PLANURA ALENTEJANA, ASSIM COMO SÃO Duros, FRIOS E HUMIDOS OS INVERNOS. QUE O DIGAM AS MULHERES E OS HOMENS QUE NA CEifa SE ALAGAVAM NO PRÓPRIO SUOR OU NA APANHA DA AZEITONA, ENREGELAVAM COM A ÁGUA DA CHUVA QUE LHES ESCORRIA AO LONGO DOS BRAÇOS PROTEGIDOS POR PLÁSTICOS MAL AMANHADOS..."

Ao fim da primeira semana de experiência na "periferia", calhou-me em sortes assegurar sozinho a urgência médica durante o fim-de-semana no Hospital de Reguengos de Monsaraz.

Não se dissipara ainda a névoa da distância para a capital, para os afetos, para as atenções da família, para o trabalho e convívio no bloco da Estefânia, quase luxos interrompidos.

Era o vazio dum Alentejo ainda mal conhecido que corria nos pensamentos de um challenger candidato ao título de "Médico à Série".

Refletindo... ali estava sentado na sala da urgência do velho hospital concelhio, "um dos ringues dos meus combates" durante aquele ano.

Talvez os meus já longínquos treinos de boxe no Lisboa Ginásio viesssem dar uma ajuda, para assegurar "uma boa esgrima" na aplicação das terapêuticas, agora como responsável único, cheio de poder e autoridade médico sanitária, mas não totalmente convencido da prontidão do meu saber ainda muito livresco adicionado à breve experiência como interno policlínico!

Onde andaria a rapaziada do meu grupo? Os "novos médicos" de Reguengos e Mourão... seguramente àquela hora estariam em Lisboa (238 km!) ou nos arredores usufruindo do primeiro fim de semana de folga da "periferia".

Entretanto, ali estava eu com "a guarda preparada" para todas as suspeitas clínicas com que me iria defrontar.

A chata da chuva miudinha, lá fora, não parava... com aqueles pisos de paralelo das estradas que levavam e traziam os alentejanos nas suas andanças motorizadas, nem sempre calmas nem condizentes com uma tradição de pseudo "molenguiço", pensava com os botões da minha bata, quantos politraumatizados



O velho Hospital de Reguengos de Monsaraz

iriam entrar, quantas "expostas" ou pré-choque quase em paragem? Que saudades do banco de S. José e dos "mais velhos" da equipa do A. Galhordas!

Eu é que escolheria a profissão de dr. médico!

Se tivesse seguido a área do desporto como o treinador do boxe me dizia, mal acabava um combate e logo após a recuperação era a glória!... Mas... e os colegas que tinham "alinhado" na guerra de África, na confusão do rebentamento das minas e das morteiradas, de certeza tinham padecido muito mais que eu... Afinal graças aos "adiamentos militares" e ao destino, Reguengos e o seu Inverno borrasco, eram bem suaves para este médico principiante... até tinha uma enfermeira a ajudar, "uma torre" de uma freira com 1,75 m delicadíssima e dedicadíssima no seu alvo hábito e que completava o cenário desta primeira vivência tal como o "1º round dum combate"!

A chuva miudinha continuava a martelar discretamente as enormes e foscadas vidraças da sala da urgência...

Trim, trim, trim... mais "clientes"... e só paravam de premir a irritante campainha da entrada da urgência quando se abria a porta naquele espaço milagroso.

Era a novidade de ter um médico em permanência no hospital atendendo tudo e todos sem ter de correr para Évora, a 30 km, ou aos "médicos locais" que finalmente podiam gozar tranquilamente os fins de semana em que não estavam de urgência.

O Vademeum Clínico continuava sossegado junto do Simpósio Terapêutico, sinal de que a minha ciência ia bastando para as "arremetidas do adversário".

"Mais uma contagem", mais um episódio de cólicas, mais um menino com diarreia em esguicho ou umas "calmas" mais intensas.

Passavam as horas e o primeiro sábado na urgência lá se ia escondendo com o cinzento da tarde a deixar-se cobrir pelas pinceladas do azul escuro da noite com os néon envelhecidos rasgando com dificuldade a escuridão dos corredores. Subitamente uma voz ecoou na porta que ligava a sala da urgência à enfermaria:

- Dr., tem o jantarinho à espera...

A figura com 1,40m, freira responsável pela cozinha do hospital a quem vim a alcunhar de "a irmã cebolinha", "empurrava-me"

para o jantar. Lembrou-me o camareiro do vagão-restaurante do comboio rápido Lisboa-Porto quando vinha anunciar a primeira série dos almoços... só lhe faltava o badalo na mão e o casaco branco com botões amarelos!

Assaltou-me a curiosidade do primeiro jantar hospitalar no SMP! Que menu me esperaria? Como seria a cantina? Que companheiros teria à refeição?

Era um pretexto ótimo para me recolher um pouco "no meu canto do ringue". Deixar momentaneamente a sala da Urgência, onde nem o snifar do éter que empestava o ar e usado na limpeza das feridas, me tinha ajudado a queimar o tempo, nem a abrir o apetite!

Caminhei sozinho pelos desérticos corredores, et voila!, eis a "sala de jantar do médico", um cubículo gelado, 4x4m, enormes manchas de humidade maculando as despidas e deterioradas paredes saudosas do seu branco, onde uma cruz de madeira era o único adorno. Uma pequena mesa redonda marcava o centro do espaço... Uma toalha branca e um guardanapo aos quadrados vermelhos dobrado em forma de triângulo retângulo definiam o local "para a pausa do meu combate do dia".

Mais um prato, um copo, um garfo, uma faca e uma colher de sopa. E o cestinho com uma singela carcaça ao lado da pequena travessa do frugal repasto, para não estragar a linha...

Um copo para água, precioso líquido que descansava num enorme jarro de vidro contrastando com um "micro" jarro com vinho tinto - "isto dos drs. Beberem à refeição não é hábito aqui no hospital...", sentenciava a voz esganiçada da irmã cozinheira no seu timbre irritante de pseudoautoridade, lembrando os arremedos das chefias de "outros tempos"!

Tinha de aproveitar a pausa para a recuperação. "Não tinha havido KO nem mesmo técnico" e tinha ultrapassado bem os receios próprios de um aspirante na profissão.

Que chatice, a disposição era sofriél, o apetite medíocre... e aquele ambiente de clausura nem num retiro conventual me sentiria mais isoladamente desenquadrado!

Chamei a irmã cozinheira e, sem me sentar, perguntei...